

Somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua. (LABOV, 2008, p. 43).¹

A luz da fala de William Labov sobre o significado social da variação linguística, apresentamos aos leitores o número 40, primeiro volume de 2021, da *Revista de Letras* da Universidade Federal do Ceará - UFC, trazendo a público diversos estudos da área de Sociolinguística, produzidos por pesquisadores de universidades nacionais e internacionais. Esse volume traz estudos que fomentam análises e reflexões sobre as gramáticas das línguas, sobre história das línguas, sobre o ensino de línguas maternas etc. Além disso, brinda o seu leitor com pesquisas que averigam como certas mudanças foram consolidadas, como determinadas variações refletem a vida dos indivíduos, que fatores contribuíram e quais são, ainda, os contextos de resistência de determinadas variantes da língua e, não menos importante, o papel da variação linguística na sociedade, incluindo um conjunto de crenças, atitudes e avaliações sobre essas formas linguísticas.

Os treze trabalhos, aqui selecionados, versam sobre diversos temas da sociolinguística, tais como: avaliação e percepção linguística, atitudes linguísticas, bilinguismo, contato linguístico, ensino de língua materna e variação. Esses temas foram debatidos e examinados em virtude do V Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará – V FELCE, que ocorreu nos dias 08 e 09 de setembro de 2020, de forma remota, devido à pandemia de COVID-19, que assolou o planeta.

Mesmo sob o julgo de uma pandemia e de uma crise política em nosso país, que obscureceu e, infelizmente, ainda obscurece a pesquisa brasileira, o Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará – LAPESCE, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, junto aos grupos de Pesquisa SOCIOLIN-CE (Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará), SOCIOLIN-LE (Grupo de Pesquisas Sociofuncionalistas em Língua Estrangeira) e SOCIOFOR (Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Fortaleza), organizou, junto à comunidade acadêmica cearense, um evento *online* e gratuito que abrangeu inscrições de diversos pesquisadores sociolinguistas brasileiros e estrangeiros que estiveram juntos, mesmo que distantes espacialmente, por dois dias.

Resultado dessa empreitada, os trabalhos aqui publicados representam um produto das discussões realizadas nesse fórum, que teve como temática: *Crenças, atitudes e avaliação nos estudos sociolinguísticos*. Dessa maneira, estes artigos são frutos de palestras, conferências, pesquisas e debates, que ocorreram entre os pesquisadores sociolinguistas que estiveram reunidos no evento.

Como primeiro artigo deste volume da revista de Letras, o artigo intitulado *A importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas*, de autoria de Lívya Oushiro, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, busca argumentar que assim como a produção linguística, as avaliações e as percepções são demonstravelmente variáveis e ordenadas; e que os estudos sobre avaliações e percepções são fundamentais não só para a compreensão sobre processos de variação e mudança linguística, mas também para a promoção do respeito linguístico. Na defesa desse ponto de vista, a autora resenha alguns estudos que tratam de avaliações e de percepções, e, ainda, que demonstram a sistematicidade de seus padrões de variação e apresenta sinteticamente um método para modelagem de campos indexicais, conceito que permite operacionalizar os múltiplos significados sociais de variantes linguísticas. Por último, a autora argumenta que os próprios linguistas, ainda, pouco conhecem sobre os mecanismos de associação entre certas variantes e significados sociais, e, também, que a ampliação de estudos sistemáticos sobre avaliações e percepções sociolinguísticas é peça-chave para o combate ao preconceito linguístico e à promoção da diversidade linguística.

¹ LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 43.

Intitulada *Avaliação da variação ter/haver existenciais e da concordância verbal com haver existencial na língua escrita*, de autoria de Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitorio, da Universidade Federal de Alagoas – UFA, a pesquisa analisa a existência de significados sociais positivos, negativos ou neutros associados ao uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais na língua escrita, mensuradas as normas subjetivas de estudantes universitários do sertão alagoano em relação à variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais e à variação na concordância verbal com *haver* existencial na escrita. A autora buscou a Teoria da Variação Linguística, considerando sete parâmetros de julgamento social: formal, conservador, sofisticado, bonito, escrever bem, ler muito e nível de estudo. Os dados da pesquisa mostram uma avaliação mais neutra para o uso do verbo *ter*, mas uma avaliação mais positiva para a pluralização do verbo *haver* existencial. O uso do verbo *ter* está mais associado à escolarização mais baixa, não ser formal e não ser conservador, ao passo que a pluralização de *haver* está mais avaliada como formal, sofisticada e associada ao nível mais alto de estudo.

O terceiro artigo deste volume, intitulado *Multilinguismo nos PALOP: perfil sociolinguístico e avaliação linguística em Guiné-Bissau*, de autoria de Cássio Florêncio Rubio, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, busca apresentar reflexões sobre o contexto sociolinguístico de falantes multilíngues de Guiné-Bissau, associando a caracterização sociolinguística da comunidade à avaliação das línguas em contato. Como nos apresenta o autor, o português encontra-se em situação de contato com outras idiomas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e, em determinados contextos, com línguas étnicas, já presentes naqueles territórios em período pré-colonial. Considerando essas situações de contato linguístico, a pesquisa buscou um *corpus* já existente, composto de 100 inquéritos coletados entre estudantes guineenses no Brasil e em Guiné-Bissau. A análise aponta que, na comunidade, há um *status* elevado da língua portuguesa, apesar do emprego de outras línguas locais em situações do dia a dia. O estudo constatou, ainda, uma divisão funcional de uso das línguas entre os falantes multilíngues inseridos nesta realidade.

Maria Alice Tavares da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, apresenta em *Variação discursiva e ensino de língua portuguesa: conectores em textos narrativos escritos*, que pesquisas sobre variáveis discursivas são excelentes fontes de informações para o tratamento de itens discursivos nas escolas de nível básico, como, por exemplo, os conectores *E* e *AI*, utilizados pela autora. Estudos sociolinguísticos observaram problemas no uso desses conectores em textos escritos por alunos de diferentes níveis de escolaridade, onde, por um lado, há uma tendência de alta frequência do *AI* em textos de indivíduos em fases iniciais de escolarização e, por outro lado, há uma tendência de alta frequência do *E* em textos de indivíduos com maior tempo de escolarização. Com base nessas descobertas, a autora apresenta sugestões para a abordagem dos conectores no ensino básico, distribuídas em três eixos: experiência e análise linguística; avaliação sociolinguística; e aplicação na produção de textos, defendendo que a adoção de um embasamento sociolinguístico para o ensino de língua portuguesa permite explorar com profundidade características morfossintáticas, semântico-pragmáticas e estilísticas de itens discursivos.

Realizando uma breve apreciação sobre aspectos da colocação do sujeito na oração da língua portuguesa, empregada no Brasil do século XIX, Leandro Silveira de Araujo, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, analisa uma seleção de anúncios jornalísticos oitocentistas na pesquisa intitulada *Comentários sobre a ordem sujeito-verbo em anúncios de jornais do Brasil oitocentista*. Neste artigo, o autor analisa os anúncios compilados na obra “Os Preços Eram Com modos... Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX”, e observa os dados obtidos contrapondo-os a estudos sobre ordem no português. Sob uma perspectiva especialmente quantitativa, foi possível observar que em anúncios oitocentistas a ordem mais favorecida foi a não marcada, isto é, com sujeito anteposto ao verbo. Contudo, o autor verificou um alto percentual de ocorrências da colocação marcada, em que o sujeito é posposto ao verbo. Para Araújo, a elevada recorrência desse último dado se dá, em parte, devido ao gênero discursivo, que favorece, por exemplo, o uso de passivas sintéticas. Por fim, constatou que o modelo de posicionamento do sujeito já estava definido no século XIX.

De autoria de Márluce Coan, Francisco José Gomes de Sousa e Laila Cavalcante Romualdo, da Universidade Federal do Ceará – UFC, o artigo *Formas simples e perifrásticas de pretérito mais-que-perfeito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo em variação* analisa 837 dados de formas simples e perifrásticas de pretérito mais-que-perfeito do indicativo e de pretérito imperfeito do subjuntivo, provenientes

de revistas históricas do Instituto do Ceará, datados entre 1887 e 2012. Os autores mostram como a forma de pretérito mais-que-perfeito simples foi perdendo espaço para a forma de imperfeito do subjuntivo na codificação da função conjuntiva, especializando-se em contextos bastante restritos, especialmente aqueles nos quais há verbo de estado, *dicendi* ou modal, bem como ausência de conector; e, ainda, que seu principal nicho de ocorrência é a sincronia de 1887 a 1899. Em termos teóricos, os autores aludem os resultados a dois dos princípios de mudança propostos pela Sociolinguística laboviana: transição e restrições. Além disso, mostram um cenário de transição, ao considerarem tendências de uso de cada uma das formas sob análise por sincronia: 1887-1899; 1944-1956 e 2000-2012, bem como restrições de uso, ao mapearem contextos de ocorrência por tipo verbal, uso de conector, polaridade, tipo oracional, gênero textual e sincronia.

Como sétimo artigo deste dossiê, em *Pretérito imperfeito (indicativo/subjuntivo): análise variacionista da função de cotemporalidade a um ponto de referência passado no falar popular de Fortaleza*, os autores Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA e Francion Maciel Rocha da Universidade Federal do Ceará – UFC estudam a variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo na função de cotemporalidade a um ponto de referência no passado, sob o aparato teórico-metodológico variacionista e funcionalista. Foram analisados trinta e seis inquéritos de informantes do NORPOFOR (Norma Popular de Fortaleza), distribuídos em células ortogonais por sexo, faixa etária e escolaridade. Foram localizados, nos inquéritos, 123 dados, os quais foram testados, mediante sete grupos de fatores linguísticos e sociais. Como resultado, os autores indicam que a oração subordinada substantiva e os verbos cognitivos na oração principal motivam o uso do imperfeito do indicativo, na fala popular fortalezense da década de 1990.

O artigo *Comportamento da nasal palatal /ɲ/: análise variacionista*, de autoria de Demerval da Hora e Larissa Moraes Pedrosa, ambos da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, discute o comportamento da nasal palatal /ɲ/ em posição de ataque silábico na comunidade de João Pessoa-PB, Brasil, considerando restrições sociais e estruturais. Os dados examinados foram retirados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB, do qual foram selecionados 34 falantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e os anos de escolarização. Ao lado das restrições sociais, foram controladas restrições estruturais, através de tratamento estatístico, que selecionou como relevantes para o apagamento da nasal palatal, o contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, número de sílabas, tonicidade, categoria gramatical, e, também, apontou as restrições sociais sexo, faixa etária e anos de escolarização.

Já o artigo intitulado *O ensino de português como língua materna na perspectiva da sociolinguística: uma proposta interdisciplinar com letras de música de capoeira*, de Fábio Fernandes Torres e Munirah Lopes da Cruz, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, reflete sobre o ensino de língua portuguesa como língua materna, em uma perspectiva sociolinguística e interdisciplinar, a partir de elementos da cultura afro-brasileira relacionados às diversidades linguística e cultural do país. Metodologicamente, a partir de letras de músicas de capoeira, os autores propõem questões com o propósito de despertar a consciência dos alunos sobre os processos históricos associados à formação de cada comunidade e de sua variedade linguística, à diversidade do português brasileiro e aos preconceitos sociais presentes em nossa sociedade, dentre eles, o linguístico. As reflexões baseiam-se nos pressupostos da Sociolinguística laboviana e nas contribuições desse modelo para o ensino de língua materna. As conclusões decorrentes dessas reflexões sugerem, como forma de despertar a consciência linguística dos fenômenos variáveis e combater o preconceito linguístico, a abordagem de questões sociais e culturais relacionadas à formação das variedades linguísticas e à realidade sociolinguística brasileira.

Em décimo, o artigo *Uso variável da concordância verbal em construções de voz passiva sintética na escrita de textos jornalísticos cearenses* de Hugo Leonardo Pereira Magalhães do Instituto Federal do Ceará – IFCE – Campus Sobral e Hebe Macedo de Carvalho, Universidade Federal do Ceará – UFC, analisa a variação da concordância verbal em construções de voz passiva sintética, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista. Os dados foram coletados em dois jornais da cidade de Fortaleza, considerando os gêneros textuais: editorial, artigo de opinião e notícia. Os resultados indicam que mais da metade das ocorrências apresentam o verbo com marca explícita de plural em relação ao sintagma nominal posposto no plural e, ainda, que formas verbais perifrásticas e infinitivas favorecem a não concor-

dância verbal, nesse tipo de construção. O gênero notícia desponta com maior percentual de formas verbais, sem marca flexional de plural em relação ao SN posposto.

Como sabemos, o contato linguístico se trata da relação existente entre duas ou mais línguas, em uma mesma localidade. Em outras palavras, os indivíduos de línguas distintas compartilham espaços geográficos comuns em áreas fronteiriças. No caso brasileiro, o estado de Roraima faz fronteira com dois países: Venezuela e Guiana. Nesse contexto, o artigo *Interferência no par linguístico português-espanhol: um estudo sobre a nasalidade em textos escritos por venezuelanos* de Fabricio Paiva Mota, da Universidade Federal de Roraima – UFRR, examina as interferências linguísticas presentes em produções textuais de venezuelanos aprendizes de português na fronteira Brasil/Venezuela, a partir da conceituação de que a influência de uma língua A sobre uma língua B resulta em estruturas que não pertencem ao sistema gramatical de nenhuma das línguas envolvidas. O *corpus* foi composto por redações escritas por venezuelanos, coletadas entre os anos de 2015 e 2017 em um curso de português para estrangeiros na fronteira Brasil/Venezuela. Para esta pesquisa, o autor selecionou as interferências correspondentes à nasalidade e concluiu que os informantes ora grafam *-n*, ora grafam *-m* em contexto de final de palavra. Ao grafar *-n*, o informante marca apenas esse elemento como sendo de sua língua materna, pois o radical da palavra está em português.

A partir de uma variedade lusitana da língua portuguesa, Aline Bazenga, Universidade da Madeira – UMa, analisa, no artigo *Avaliação e atitudes sociolinguísticas no português europeu madeirense*, a avaliação linguística do português europeu madeirense, através de entrevistas sociolinguísticas selecionadas de amostras do Funchal do *Corpus* do CORPORAPORT e do *Corpus* Sociolinguístico do Funchal (CSF), além de questionários de trabalhos de investigação já realizados pela mesma pesquisadora. Foram selecionadas para um exame mais detalhado duas variáveis sociolinguísticas, objeto de estudos anteriores focados na produção linguística: a realização anafórica de OD e as construções existenciais. O objetivo central é contribuir para o conhecimento linguístico mais aprofundado da sociedade insular, amplamente heterogênea do ponto de vista sociodemográfico e linguístico. Os resultados mostram, por um lado, que os falantes madeirenses têm consciência da diversidade linguística existente no território insular e do seu significado social, e, por outro, existe uma tendência à correlação entre variáveis sociolinguísticas e variáveis sociais que deverá ser levada em conta em futuros trabalhos de investigação.

Por último, mas não menos importante, o artigo *Por onde transitam o tu e o você no Nordeste?* de autoria de Maria Marta Pereira Scherre, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Universidade de Brasília – UnB, juntamente com Carolina Queiroz Andrade da Universidade de Brasília – UnB e Rafael de Castro Catão da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, focaliza a distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito em pesquisas da região Nordeste do Brasil, com ponderações sobre a projeção de seis subsistemas e sobre aspectos interacionais em função do tipo de coleta de dados. Os autores tomaram como base a análise de trabalhos já publicados de pesquisadores brasileiros (até o ano de 2020) sobre os pronomes de segunda pessoa do singular. Dessa forma, apresentam um novo mapa da região Nordeste com percentuais médios de usos de *você*, *cê*, *ocê*, *tu* sem concordância e *tu* com concordância e o inserindo no mapa brasileiro dos pronomes de segunda pessoa.

À guisa de conclusão, almejamos que a leitura dos artigos deste dossiê temático contribua para a discussão sobre as questões explicitadas pelos autores em relação ao estudo da variação e mudança linguística, considerando os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos e, também, as múltiplas perspectivas das pesquisas realizadas em nosso país e no mundo.

Lorena da Silva Rodrigues², Valdecy de Oliveira Pontes³,
Rakel Beserra de Macêdo Viana⁴
(Organizadores)

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2492-4147>

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8183-9259>

⁴ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6565-7730>